

Pedro Ignácio Schmitz
Coordenador

As casas subterrâneas de São José do Cerrito



Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS

Avenida Unisinos, 950

93022-000 - São Leopoldo, RS

Caixa Posta 275 - 93001-970

www.anchietano.unisinos.br

anchietano@unisinos.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

As casas subterrâneas de São José do Cerrito, SC / Pedro
Ignácio Schmitz, coordenador. – São Leopoldo, RS :
Instituto Anchietano de Pesquisas, 2014.

1. Índios Jê. 2. Sítios arqueológicos – São José do Cerrito
(SC). 2. Casas subterrâneas. I. Schmitz, Pedro Ignacio.

CDD 930.1098164
CDU 902(816.4)

AS CASAS SUBTERRÂNEAS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO, SC

Pedro Ignácio Schmitz

Coordenador

2014

Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS

São Leopoldo, RS

**PARTICIPANTES DO PROJETO SÃO JOSÉ DO CERRITO
(2008-2013)**

Arnt, Fúlvio Vinicius	Pereira, Gilson Laone
Beber, Marcus Vinicius	Pestana, Marlon Borges
Claudino, Daniela da Costa	Raupp, Ismael da Silva
Corteletti, Rafael	Rizzardo, Fabiane Maria
Costa, Silvano Silveira da	Rogge, Jairo Henrique
Farias, Deisi Scunderlik E. de	Rosa, André Osorio
Fernandes, Fabrícia Machado	Roth, Ricardo
Ferrasso, Suliano	Schmitz, Pedro Ignácio
Fiegenbaum, Jones	Schneider, Bruna
Frasson, Marlon	Selli, Mateus
Juncoski Neto, Jéssica	Soares, Juliana
Machado, Tainara Macedo	Souza, Amanda
Mergen, Natália Machado	Torquato, Thiago Vieira
Mota, Natália	Vargas, José Afonso de
Nogueira, Rafaela Vieira	Vieira, Rodrigo Pereira
Novasco, Raul Viana	Zamparetti, Bruna Catâneo

INTRODUÇÃO

Este pequeno texto conta a história dos índios Jê Meridionais que, durante muitos anos, viveram no território que hoje é o município de São José do Cerrito, nos Campos de Lages. Esta história foi construída pelos arqueólogos que durante os seis últimos anos fizeram escavações em várias localidades do município, contando sempre com o apoio dos moradores, da Paróquia de São Pedro e da Prefeitura Municipal. Veja seus nomes na contracapa.

Eles agora desejam devolver esta história aos moradores para que a conheçam, respeitem os sítios arqueológicos e os cuidem porque são um patrimônio extraordinariamente valioso da população atual. A equipe, que tem experiência de pesquisa arqueológica por todo o território nacional, considera que São José do Cerrito é um lugar muito especial para contar a história das muitas gerações humanas que antecederam a colonização europeia do Brasil. Eram homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos que lutaram para sobreviver e procuraram ser felizes com o que conseguiam realizar. Esta é uma história longa, paralela à da Europa cristã donde nós viemos e não é menos válida, apenas diferente. E assim deve ser lida e passada adiante.

Os arqueólogos, para escrever esta história, não usaram documentos escritos, nem se apoiaram no testemunho de pessoas vivas, mas estudaram as ruínas das habitações, os instrumentos abandonados, os resíduos conservados de sua alimentação e, quando disponíveis, os esqueletos de seus mortos. Todos eles contêm informações importantes sobre o modo de vida da população que ali viveu. Para saber a idade das ruínas eles mandaram analisar em laboratório especializado dos Estados Unidos o carvão que sobrou das antigas fogueiras de suas casas. Essas datas são menos exatas que as dos documentos escritos, porque são estatísticas, mas permitem estudar um período longo para o qual não existem outras referências.

O índio jê meridional está representado pelos índios Kaingang e Xokleng e seus antepassados de muitas gerações. Eles se originaram nos Cerrados do Brasil Central, entre Goiás e Minas Gerais, donde começaram a se deslocar para o sul, a partir de uns 3000 anos atrás, por causa de intensa e prolongada estiagem, que provocou relativo superpovoamento na região.

Seus representantes atuais são encontrados nos estados brasileiros de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e na fronteira do Brasil com a Argentina, na província de Misiones. Neste espaço também são numerosas as ruínas de suas antigas aldeias e acampamentos através das quais os arqueólogos estudam sua história. A pesquisa sistemática teve início na década de 1960 e produziu grande quantidade de informações, de que Pedro Ignácio Schmitz e Jairo Henrique Rogge (2013) fizeram uma síntese.

São José do Cerrito, na bacia do rio Canoas (Fig. 1, 21), tem a melhor amostra dessas ruínas, que os arqueólogos chamam sítios arqueológicos. Aqui elas aparecem diversificadas, numerosas e bastante conservadas.

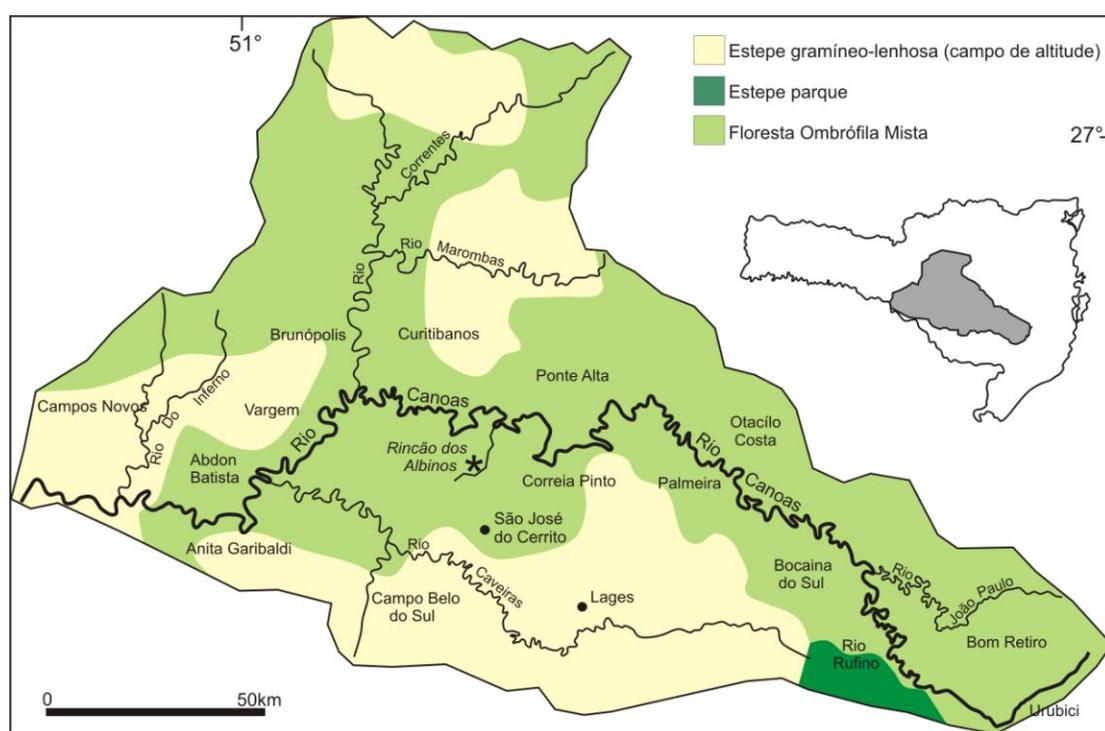


Figura 1: A bacia do rio Canoas com a localização de São José do Cerrito e de Rincão dos Albinos.

Maria José Reis, na década de 1970, quando estava na Universidade Federal de Santa Catarina, fez o primeiro levantamento de todos os sítios arqueológicos do município, indo de casa em casa ao longo da antiga estrada que ligava Lages a Curitibanos e visitando também fazendas afastadas. Deste trabalho resultou sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo em 1980 e só publicada em 2007, pela Editora Habilis, de Erechim, RS (Reis, 2007). Ela registrou e descreveu muitas ‘casas subterrâneas’, aterros funerários e ‘danceiros’ e neles realizou escavações, mas não conseguiu

estabelecer as idades das ruínas por despreparo técnico das correspondentes instituições brasileiras.

De 2008 a 2013 o Instituto Anchietao de Pesquisas, ligado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, visitou novamente os sítios arqueológicos registrados no município, localizou alguns não vistos anteriormente, fez numerosas escavações e estabeleceu a idade de um grande número de estruturas do povoamento original da área. Esses trabalhos foram minuciosamente publicados em 2013 na revista Pesquisas (Schmitz *et al.* 2013-a; Schmitz *et al.* 2013-b), que pode ser conseguida pelo e-mail: anchietano@unisinos.br e podem ser acessados também na página eletrônica do Instituto Anchietao de Pesquisas (www.anchietano.unisinos.br). Neles se explica melhor o que são as ‘casas subterrâneas’, os aterros-plataforma, o ‘danceiro’, os montículos funerários. Também a organização do povoamento com suas aldeias e acampamentos e as datas que marcam a trajetória do grupo no território ao menos durante 55 gerações humanas, duas vezes mais que as gerações dos europeus no Brasil. O presente volume é uma versão simplificada desses relatos.

A HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO

Os sítios arqueológicos atestam o povoamento denso do grupo indígena chamado Jê Meridional no município de São José do Cerrito, durante 1100 anos, do século VI ao século XVII de nossa era; depois desta data os antigos povoadores se deslocaram para outras regiões e não deixaram mais ruínas.

Podemos dividir esta longa história em dois períodos de duração semelhante: o primeiro período, que vai do século VI ao século X, está bem representado num grande sítio arqueológico na comunidade de Rincão dos Albinos; o segundo período, do século XI ao século XVII, está bem representado na localidade de Boa Parada, na vizinhança da cidade.

No século VI, quando percebemos o grupo por primeira vez, o ambiente em que ele aparece ainda é predominantemente de campos com alguns bosques de pinheiros (*Araucaria angustifolia*) nas encostas mais chuvosas (Novasco, 2013). No Rincão dos Albinos deveria estar se formando, nesse tempo, um desses primeiros pinheirais. Os grupos indígenas que tinham vindo dos cerrados do Brasil Central, ainda estariam vivendo da caça nos campos da

região. Quando descobriram o bosque de pinheiros, passaram a acampar junto dele para colher o pinhão no tempo em que ele estava maduro. Estes acampamentos se repetiram regularmente durante mais de 20 gerações.

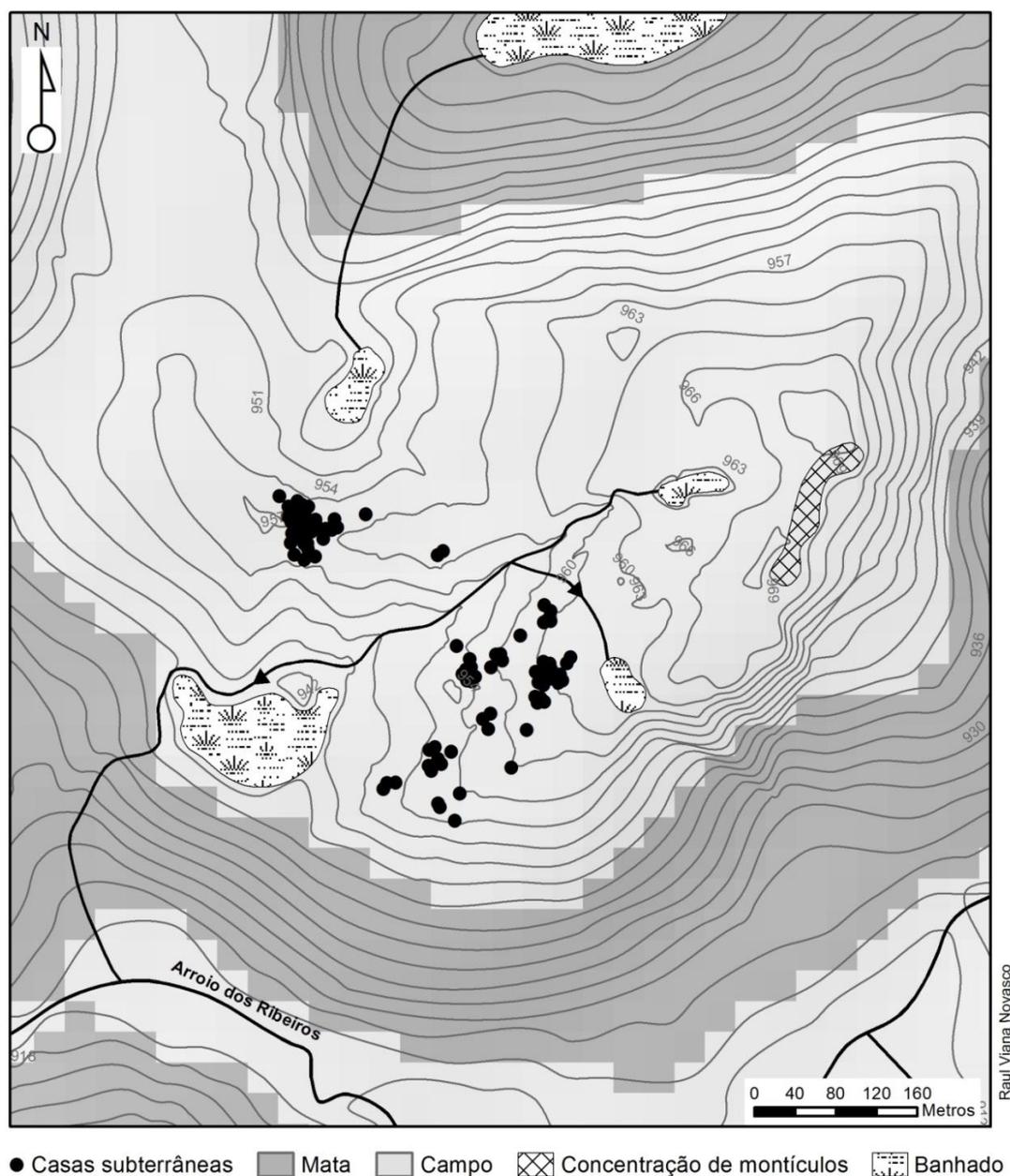


Figura 2: O sítio arqueológico do Rincão dos Albinos com suas 107 ‘casas subterrâneas’, em campo perto do mato de encosta, na proximidade de uma nascente e de pequenos banhados. As casas mais aglomeradas são o sítio 70, as mais distribuídas o sítio 71.

As marcas deixadas no solo por suas choupanas de palha com piso rebaixado apresentam-se hoje como 107 ‘casas subterrâneas’ ao redor de uma nascente, que dá origem a pequeno banhado (Fig. 2, 3, 4, 5, 6). São pequenas depressões, umas encostadas nas outras, muitas vezes emendadas ou



Figura 3: O sítio está no alto da colina, tendo ao redor a mata de encosta e no primeiro plano o arroio dos Ribeiros. (Fonte: Acervo IAP).



Figura 4: A transição de campo e mato do entorno do sítio. (Fonte: Acervo IAP).



Foto 5: A nascente que deu origem ao povoamento. (Fonte: Acervo IAP).



Figura 6: As casas subterrâneas 24, 25, 26, 27, do sítio 71, no mato. (Fonte: Acervo IAP).

sobrepostas, cada uma delas ocupada várias vezes, em sucessivas voltas dos grupos ao mesmo local. As ocupações mais antigas são do século VI, as mais novas do século XII de nossa era.

A reunião dos grupos do campo junto ao bosque de pinheiros, no período de fartura, de pinhão, de frutas do mato como araçá, guabiju, guabiroba e goiaba serrana e de muita caça, constituía a estação gorda do ano. A abundância de alimentos daria oportunidade aos grupos que ali acampavam para se conhecer, combinar casamentos, lembrar os falecidos e substituir os mortos por jovens nascidos na temporada. O rápido desaparecimento dos bens dessa estação de fartura provocaria a dispersão das famílias e a volta aos campos em busca de recursos mais ralos e dispersos para sobreviver até a próxima fartura.

A partir do século XI os pinheirais se expandiram rapidamente e foram tomando conta da paisagem de campos do município porque o clima se tornara muito favorável para eles. A expansão do pinheiro e o adensamento de seus bosques aumentaram em muito os recursos de subsistência para os animais e para o homem e os tornaram disponíveis em mais lugares. Eles serviram para que o homem também se expandisse e se tornasse estável, agora que o alimento estava disponível de forma confiável. Os grupos humanos passaram a construir casas maiores e, junto delas, monumentos cerimoniais e funerários.

Um exemplo típico do povoamento desse período está na localidade de Boa Parada, na proximidade da sede do município (Fig. 7). Ali, num raio de apenas um quilômetro, existem 19 sítios arqueológicos, contendo mais de 50 'casas subterrâneas' maiores, quatro grandes aterros-plataforma e um 'danceiro' com 3 aterros. Já não se trata de restos de acampamentos de estação para colher pinhão e depois voltar para caçar no campo, como no Rincão dos Albinos, mas de estruturas maiores, permanentes, para cuja construção se exigia conhecimento e técnica, além de grande disponibilidade de pessoas, tempo e energia.

Assim surgiram as estruturas que formam o aglomerado de sítios arqueológicos da Boa Parada. Elas não se espalharam ao acaso pelo terreno, mas formaram agrupamentos de casas com seus respectivos monumentos. As estruturas e os conjuntos não foram construídos num mesmo tempo, mas sucessivamente, desde o século XI até o século XVII de nossa era, durante 30

gerações humanas. As construções atestam que o local foi ocupado de forma estável e continuada.

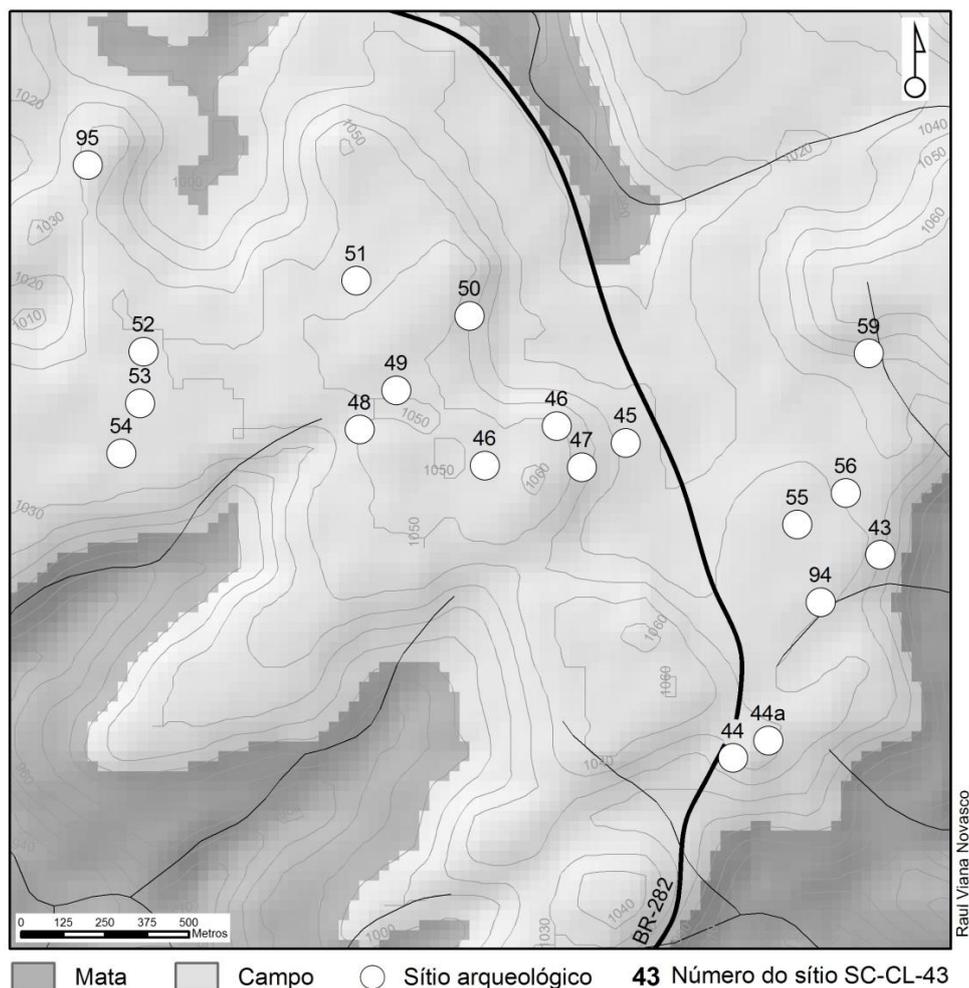


Figura 7: Os sítios da Boa Parada: no campo, sobre pequenas elevações, com mato nas encostas. Os sítios 94 e 55 estão na proximidade do posto de combustível da Boa Parada.

Para isto os moradores precisavam fazer bom manejo da floresta, onde estava a maior parte dos recursos, tanto de alimentação, de combustível e de matérias primas. E também precisavam dominar os campos do entorno, de recursos complementares, que ainda formariam um espaço neutral que os mantinha separados de outros núcleos de povoamento semelhantes.

É preciso lembrar que os recursos naturais podiam ser muito abundantes num ano e muito escassos em outro e o perigo de conflito por alimentos estava sempre diante da porta. Algum cultivo de milho, feijão, moranga e inhame ajudariam para abastecer estações do ano mal providas de recursos da natureza.

A partir de 1600 d.C. não se tem mais sítios arqueológicos no município porque a população foi dispersada pelo avanço do colonizador sobre o território.

AS CASAS E OS MONUMENTOS

Por causa da grande movimentação de terra que faziam, os antecessores dos Kaingang e Xokleng do Planalto Meridional são também conhecidos como ‘engenheiros da serra’. Essa movimentação de terra estava ligada à construção de ‘casas subterrâneas’, de ‘danceiros’, de aterros-plataforma e de túmulos funerários.

O termo ‘casa subterrânea’ é usado para depressões aproximadamente circulares do Planalto Meridional. O diâmetro da boca pode variar de 5 a 20 m; mais comumente são encontradas casas com boca entre 5 e 8 m. A profundidade da depressão quando de sua construção e primeiro uso, ficava entre 2 e 6 m e era proporcional ao diâmetro da boca. A borda da depressão era nivelada externamente, criando uma plataforma ao redor, sobre a qual se apoiava uma cobertura de troncos e palha, em forma de chapéu chinês, que pouco sobressaía do chão e justifica o termo ‘casa subterrânea’ (Fig. 8, 9).



Figura 8: A casa subterrânea 1, do sítio 56, datada de 1120 d.C. (Fonte: Acervo IAP)

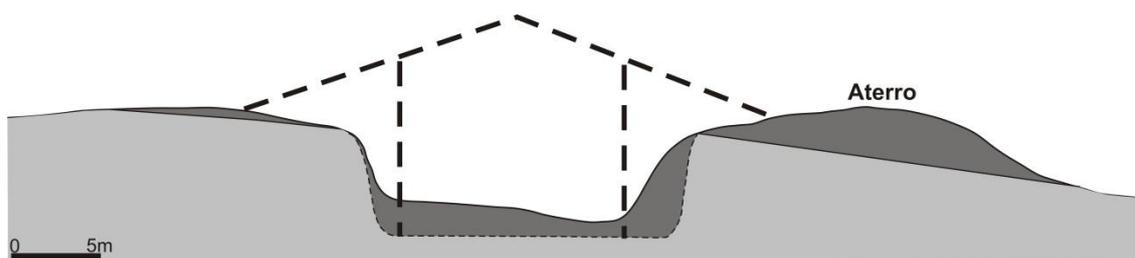


Figura 9: Perfil da casa subterrânea do sitio 52, mostrando como seria a cobertura.

Normalmente a casa era formada por uma só depressão com seu aterro e sua cobertura. Mas não são raras, especialmente num período mais recente, as casas com duas depressões debaixo de uma só cobertura, que os arqueólogos chamam ‘casas geminadas’.

Tanto numa, como na outra forma, elas são destinadas a moradia das famílias. Nas casas bem grandes provavelmente vivia um grupo composto por várias famílias; na Boa Parada as casas grandes são as mais antigas. Nas casas de tamanho médio e pequeno moraria uma família nuclear e nas geminadas talvez duas famílias ou duas mulheres; elas costumam ser mais recentes que as grandes.

Muitas atividades eram desenvolvidas no recinto das casas (Fig. 10). Estas não tinham divisões, nem móveis, eram escuras e enfumaçadas, mas protegiam das intempéries, da chuva, do frio e criavam alguma privacidade. Elas não eram limpas e o lixo se acumulava para felicidade dos arqueólogos; há casas com centenas de fragmentos de cerâmica, alguns instrumentos de pedra e muito carvão resultante das fogueiras ali mantidas. Estas fogueiras eram geralmente feitas sobre pequena plataforma de seixos, que retinham o calor do fogo por mais tempo. Outras atividades eram desenvolvidas fora de casa, à sombra das árvores ou de pequenos telheiros (Fig. 11).

As casas eram construídas em terreno com moderada inclinação, o que permitia aproveitar o volume de terra escavada para nivelar a borda mais baixa. Com isso também se evitava a invasão, por cima, da enxurrada provocada por chuvas intensas e, por baixo, da água subterrânea. Era perigoso construir as casas em terreno plano, em cima de morro, onde as nascentes formam pequenos banhados, e sistematicamente se evitava a proximidade de arroios maiores ou rios. As construções se concentravam nas ondulações positivas do terreno e se abasteciam de água nos banhados que se formam nas ondulações negativas próximas.



Figura 10: Lugar de fogo sobre o piso da casa 17 do sítio 70, datado de 630 d.C.. (Fonte: Acervo IAP)



Figura 11: Lugar de fogo fora de casa, datado de 700 d.C., no sítio 70. (Fonte: Acervo IAP)

A maior parte das casas era ocupada duas ou três vezes, por períodos curtos, com interrupções mais ou menos longas. Mas esta reocupação era menos frequente que nos acampamentos do Rincão dos Albinos, onde a mesma depressão chegava a ser ocupada até cinco vezes.

O assentamento, que corresponderia a nosso conceito de aldeia, podia ser formado por só uma casa. Muitas vezes ele se compunha de um pequeno aglomerado de moradias muito próximas, mas que não necessariamente eram construídas e ocupadas ao mesmo tempo. Ver composição dos sítios no Anexo: Os sítios e suas idades, onde também se encontra um mapa com sua distribuição..

Em lugares de ambiente variado e rico em produtos naturais (plantas, animais e minerais) e com disponibilidade de água em banhados próximos, o assentamento podia assumir a forma de sucessivos acampamentos temporários a exemplo do Rincão dos Albinos, ou de um estabelecimento continuado por numerosas gerações, a exemplo da Boa Parada.

Na Boa Parada se conhecem hoje mais de 50 casas subterrâneas, inclusive a maior ‘casa subterrânea’ de todo o planalto brasileiro, a do sítio 52. A depressão que forma o espaço central desta casa mede 19,50 m de diâmetro e 6 metros de profundidade. Ela está no centro de uma plataforma construída, de 36 m de diâmetro, cujas bordas, em dois lados, alcançam 3 m de altura. Essa casa era coberta por um telhado de palha de 30 m de diâmetro, em forma de chapéu chinês, que era sustentado por uma estrutura de grossos troncos. Ela é uma das mais antigas do lugar. Sua construção data de 1080 d.C., portanto 4 séculos antes do descobrimento do Brasil. (Fig. 9, 12, 13).

Vários monumentos acompanham os conjuntos de casas: eles podem ser aterros-plataforma, ‘danceiros’ ou montículos funerários.

Aterros-plataforma são grandes estruturas circulares, de topo plano e bordas altas, circundadas por um anel ou uma superfície nivelada natural ou artificialmente.

A 40 m da grande casa do sítio 52 se construiu o maior aterro-plataforma conhecido até hoje. Ele cobre uma superfície de 30 por 28 m e 2,20 m de altura. Ele começou em 1020 d.C., junto com a grande casa e, como ela, foi usado por muitas gerações (Fig. 14).



Figura 12: O interior da grande casa subterrânea do sítio 52 por ocasião da escavação em janeiro de 2013. A primeira ocupação da casa é datada de 1090 d.C. (Fonte: Acervo IAP).



Figura 13: Assentamento de um dos troncos que sustentavam o telhado em forma de chapéu chinês. (Fonte: Acervo IAP).

A uns 700 m dali há três casas subterrâneas de 12 m de diâmetro e uma de 6 m, com idade de 1040 d.C., sítio 50. Elas criaram o aterro-plataforma 3, de 20 m de diâmetro e 1 m de altura, sítio 46, do qual se fala novamente depois (Fig. 14, 15).

E um pouco mais adiante, na proximidade de 13 casas subterrâneas (o sítio 45), com datas entre 1500 e 1600 d.C., há dois aterros-plataforma: o de número 1, com 20 m de diâmetro e 1 m de altura e o de número 2, com 17 m de diâmetro e 1 m de altura, bem próximos um do outro, sítio 46 (Fig. 14, 16). O aterro-plataforma 1 começou em 1370 d.C. e foi novamente utilizado em 1440 d.C.; o aterro-plataforma 2 começou a ser construído em 1340 d.C.

Os 4 aterros-plataforma foram construídos para servir a moradores de casas próximas a eles. Esses aterros se compõem de uma sequência de camadas escuras indicadoras de atividades humanas, que alternam com camadas claras que indicam o aterramento posterior destas. As camadas horizontais demonstram que elas provêm de construção intencional, em etapas sucessivas. As datas indicam os momentos diferentes dessas ocupações.

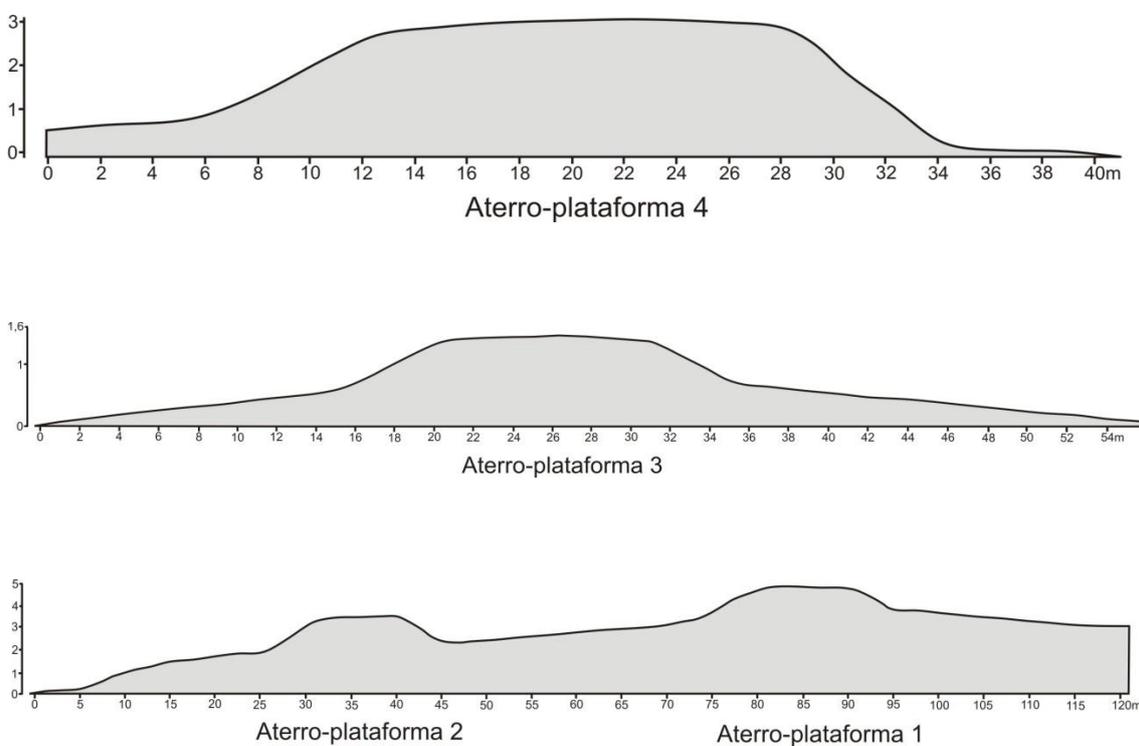


Figura 14: Perfil dos aterros-plataforma 4 (do sítio 52), 3, 2 e 1 (do sítio 46), respectivamente.



Figura 15: Foto do aterro-plataforma 3, do sítio 46. (Fonte: Acervo IAP).



Figura 16: Vista parcial do aterro-plataforma 2, do sítio 46. Primeira utilização: 1340 d.C. (Fonte: Acervo IAP)

A pergunta que se procurava responder era: Para que?

Na escavação do aterro-plataforma 3 ficou clara ao menos uma de suas funções, que é cremar os mortos, ou depositar as cinzas restantes de uma cremação. Nele a camada escura mais próxima da base, datada de 1040 d.C., é formada por 10 cm de cinza com numerosos pequenos restos de ossos humanos, provenientes de cremações. Estas não foram as únicas cremações. Duzentos anos mais tarde (1260 d.C.) foram abertas, a partir da superfície do aterro-plataforma, três grandes covas, cada uma com 2 m de diâmetro e 80 cm de profundidade. Cada uma fora fechada com espessa camada de saibro não local, e o fundo delas continha grandes fragmentos de carvão (Fig. 17).



Figura 17: Aterro-plataforma 3: perfil da parede de escavação mostrando cova de cremação e as camadas de construção do aterro-plataforma: Linha contínua = cova; linha descontinua = fechamento da cova. Camada 1: superfície original do terreno; 2 primeiro aterramento com saibro; 3 camada de cinza de cremações, datada de 1040 d.C.; 4 novo aterramento com saibro; 5 nova camada escura. A cova de cremação é posterior a 1260 d.C. (Fonte: Acervo IAP).

Uma das covas tinha sido forrada com saibro rico em ferro que o calor do fogo transformou em espessa camada vermelha de hematita. Todas essas cremações apareceram numa escavação de 4 m² no centro do aterro-plataforma. Não podemos afirmar que no restante do aterro tivesse havido cremações com a mesma intensidade e frequência.

No aterro-plataforma 4, que está junto da casa grande, só fizemos uma sondagem de 1 m² junto à borda. Nela, a 170 cm de profundidade, apareceu um lugar de cremação datado de 990 d.C., mostrando que desde o começo da casa ali ela cremava seus mortos.

Nos aterros-plataforma 1 e 2, nossas intervenções não detectaram cremações, o que não quer dizer que não tenha havido; as intervenções eram de apenas 2 m².

O ‘danceiro’, que dista uns 700 m dos aterros-plataforma 1 e 2, serve a outro conjunto de casas. Ele se compõe, hoje, de 3 montículos. O primeiro, de 9,40 m de diâmetro e 0,60 m de altura, está cercado por um anel rebaixado e este por uma taipa rasa de terra. A estrutura toda mede 24 m de diâmetro e está datada de 1180 d.C. (Fig. 18). O segundo montículo mede 8,30 x 6,45 m e 0,60 m de altura e também está parcialmente cercado por um anel rebaixado e este por uma taipa. O terceiro montículo mede 8,00 m de diâmetro e 0,60 m de altura, não tem anel, nem taipa. A composição dos montículos do ‘danceiro’ é semelhante à dos aterros-plataforma e talvez eles também tivessem as mesmas funções daqueles.

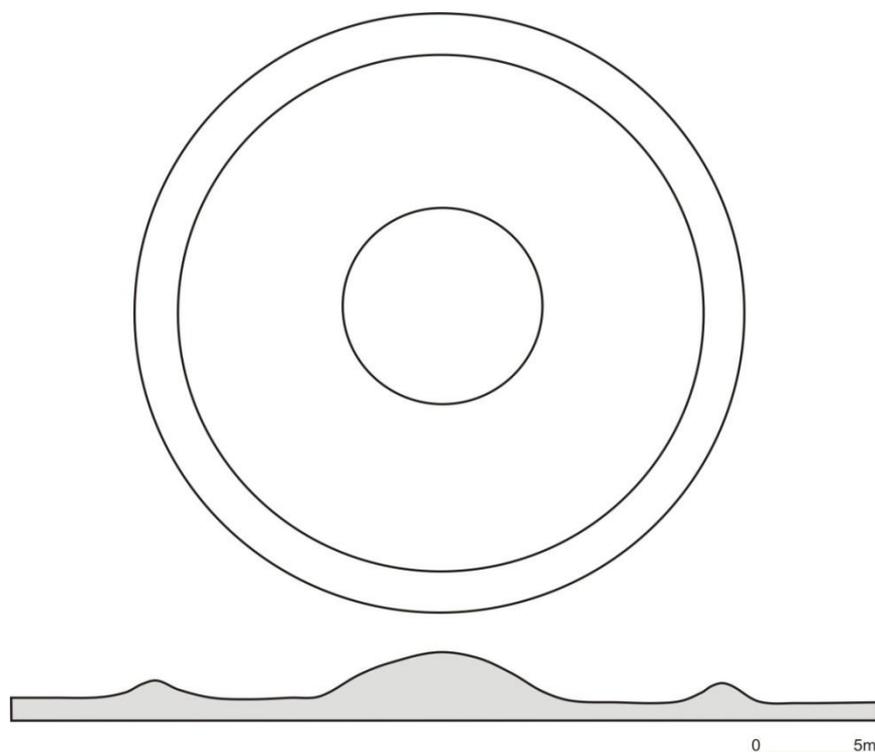


Figura 18: Croqui e perfil do montículo 1 do ‘danceiro’, sítio 94, datado de 1180 d.C.

Provavelmente os aterros-plataforma e o ‘danceiro’ não foram construídos só para a cremação ou a deposição definitiva das cinzas de

indivíduos cremados (cemitério). Serviriam igualmente para reuniões e cerimônias da comunidade (praça, lugar sagrado). Nas camadas escuras, além de carvão, aparecem pequenas lascas de quartzo e calcedônia, e fragmentos de cerâmica, testemunhando outras atividades, cuja identidade não conhecemos.

Não todos os povos indígenas do planalto cremavam os corpos ou ossos de seus falecidos. Em outros lugares em que estudamos casas subterrâneas (São Marcos e Vacaria, no RS; Taió em SC) é comum o enterro do corpo no chão, cobrindo-o com um montículo de terra semelhante ao dos nossos cemitérios tradicionais. Para esta forma de deposição só existem duas informações em São José do Cerrito, insinuando que a cremação teria sido a forma comum de dispor dos mortos. Nos lugares acima indicados também era comum depositar os corpos em grutas e fendas rochosas, sem os enterrar. Em São José do Cerrito não há informação para esta forma de deposição.

OS INSTRUMENTOS E RECIPIENTES

É quase nada o que sabemos a respeito dos instrumentos e artefatos usados por esta população para suas construções e atividades diárias.

Eles não conheciam instrumentos de metal. Por lascamento e polimento eles faziam alguns instrumentos de pedra a partir de rochas locais. Os instrumentos lascados são mais abundantes e se compõem de pequenos fragmentos e lascas de quartzo e calcedônia, além de lascas ou seixos de basalto, em que se produziram gumes rudimentares. Os raros instrumentos polidos eram lâminas-de-machado e mãos-de-pilão.

A cerâmica ainda estava ausente nos antigos acampamentos do Rincão dos Albinos. Na Boa Parada ela é abundante em algumas casas, nas quais ela indica ocupação efetiva e continuada. Na maior parte das casas, nos aterros-plataforma e no 'danceiro', ela está representada por alguns fragmentos, lisos ou com uma decoração bem simples. Reconstituindo as formas obtém-se pequenas taças, copos e tigelas, que comportariam no máximo dois ou três litros, geralmente menos de um litro. No fundo de muitos desses recipientes permanece uma crosta consolidada, testemunhando seu uso no preparo de alimentos (Fig. 19).

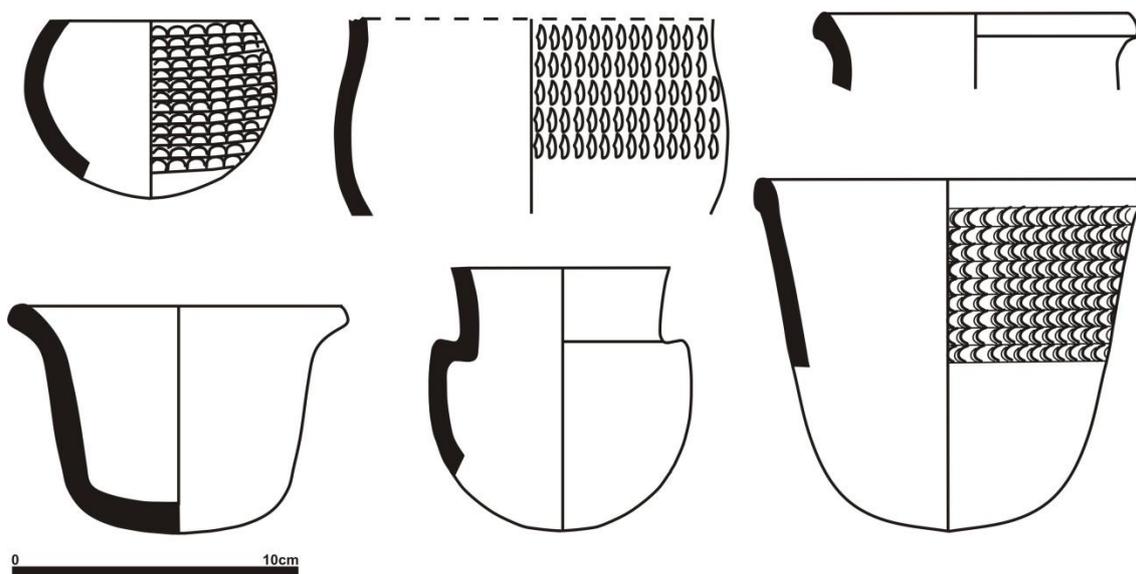


Figura 19: Cerâmica da primeira ocupação da grande casa do sítio 52, datada de 1090 d.C.

Esta cerâmica é comum para os moradores da região drenada pelos rios Canoas e Pelotas, que têm idades semelhantes. Os arqueólogos a denominam fase Xaxim, da tradição Itararé, que serve para identificar um dos grandes grupos do Jê Meridional, prováveis antepassados dos índios Xokleng.

A maior parte dos artefatos dos moradores devia ser feita em madeira, fibras vegetais, peles e ossos, que desapareceram por causa da acidez e umidade do solo. O mesmo aconteceu com os restos de seus alimentos; destes só foram recuperadas muitas cascas de pinhões carbonizados.

CONCLUSÃO

Os arqueólogos, através dos restos materiais preservados em ruínas buscaram reconstituir o modo de vida e a história das populações humanas do passado.

Em São José do Cerrito as ruínas são abundantes e conservadas. Elas permitem reconstituir diversos aspectos da vida e da trajetória da população indígena que povoou a área.

Seu assentamento mais antigo, ainda isolado, está na Boa Parada e data de 640 anos a.C. (Fig. 20). Dele só conhecemos alguns lugares de fogueiras, armadas com seixos, que estão debaixo de uma ‘casa subterrânea’.



Figura 20: Estrutura de fogo datada de 640 a.C., debaixo das casas subterrâneas 4/5 do sítio 43. (Fonte: Acervo IAP).

A partir do sexto século de nossa era, isto é, mais de mil anos depois, começamos a ter muitas informações sobre este povoamento.

No Rincão dos Albinos conseguimos esboçar o modo de vida do grupo que durante séculos voltou a acampar junto a um pinheiral no tempo do pinhão maduro e depois voltava a caçar nos campos. Trata-se de um grupo ainda muito móvel e sem panelas de barro.

Na Boa Parada identificamos o modo de vida do grupo que, durante os seis séculos posteriores, construiu grandes casas subterrâneas e monumentos onde cremava seus mortos. Já não se tratava de uma população móvel, mas assentada, que manejava os recursos da mata e dos campos do entorno e provavelmente cultivava plantas para cobrir períodos de abastecimento natural restrito. Ele produzia panelas de barro simples cujo estilo partilhava com toda a região banhada pelos rios Pelotas e Canoas.

Os arqueólogos também queriam saber que populações eram estas que construíram as casas e monumentos que hoje são ruínas; se elas deixaram descendentes e quem são eles.

Para resposta à primeira pergunta pode-se olhar quem, em tempos coloniais, ocupava a região e comparar os dados arqueológicos com os da cultura deles. Pois, em tempos coloniais em todo o interior do planalto só viviam índios Kaingang e Xokleng, os quais produziam uma cerâmica semelhante à que os arqueólogos encontram nas casas subterrâneas e nos monumentos. As casas subterrâneas também são atribuídas a estes índios em antigos relatos coloniais, embora os atuais descendentes não lembrem mais delas. Primeira resposta: são Jê Meridionais.

Refinando o questionamento pode-se ainda perguntar qual das atuais divisões do Jê Meridional teria morado no local, se os Kaingang ou os Xokleng. Os Kaingang enterravam seus mortos ou os depositavam em abrigos rochosos, os Xokleng os cremavam. Segunda resposta: provavelmente Xokleng.

O resultado é uma hipótese construída com os dados e conhecimentos atualmente existentes. Dados novos, ou a descoberta de erro em alguma das suposições, tornam as respostas menos corretas.

Os linguistas também tentaram construir uma história do Jê Meridional. Comparando as línguas dos diferentes grupos do tronco linguístico Jê, concluíram que o Jê Meridional foi o primeiro a se afastar do bloco original surgido nos cerrados tropicais do Brasil Central. A partir de 3000 anos atrás, ou mil anos antes de Cristo, eles teriam começado a se deslocar em pequenos grupos para o frio planalto meridional, então ainda dominado pelos campos, sobre os quais o pinheiro começava a se expandir. A esse ambiente em modificação os migrantes teriam começado a acomodar sua cultura de origem. Uma das inovações foi a ‘casa subterrânea’, adaptada ao frio do sul, mas também afirmação do território e depois sua marca de identidade.

Na segunda metade do primeiro milênio de nossa era esta casa não passava de uma choupana transitória com piso rebaixado. A partir do começo do segundo milênio ela se transformou em residência grande e estável, acompanhada de aterros-plataforma e de ‘danceiros’. Uma cultura não desprezível, presente em todo o planalto e que se estendeu até 1600 de nossa era.

Com a penetração portuguesa no planalto a partir do litoral atlântico e das missões espanholas pelos rios Paraná e Uruguai, as populações do planalto perderam sua estabilidade se tornaram móveis outra vez: os Kaingang ocuparam os matos do rio Paraná e do rio Uruguai, e os Xokleng se

refugiaram na mata atlântica da encosta leste do planalto. Era um período de recesso, em que já não havia condições e recursos para construções estáveis e grandes monumentos. Dele nasceu o índio que nos é descrito no período colonial e imperial do Brasil.

A partir das décadas finais do século XX, tanto os Kaingang, quanto os Xokleng criaram novos projetos de crescimento, de expansão territorial e de penetração na sociedade urbana brasileira.

A arqueologia nos proporciona em São José do Cerrito uma história indígena bem documentada de 1100 anos de duração, correspondente a 55 gerações humanas. Se aceitarmos o cálculo dos linguistas ainda faltariam os 1500 anos do começo. Para este período temos, no município, apenas um sítio, localizado debaixo de uma ‘casa subterrânea’, na Boa Parada, com uma data de 640 anos a.C. Se o grupo, nesse período, era pequeno e móvel, como supomos, só com muita sorte conseguiremos mais algum dado para sua história.

QUER SABER MAIS?

BEBER, M. V. 2013. Sítios arqueológicos do Município de São José do Cerrito, Um panorama. *Pesquisas, Antropologia* 70: 43-64. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.

NOVASCO, R. V. 2013. *As casas subterrâneas e sua paisagem: cartografando o ambiente*. São Leopoldo: Unisinos (Dissertação de mestrado).

REIS, M. J. 2007. *Problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim: Hábilis.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. 2013. Pesquisando a trajetória do Jê Meridional. *Pesquisas, Antropologia* 70: 7-33. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; NOVASCO, R. V.; MERGEN, N. M. & FERRASSO, S. 2013-a. Rincão dos Albinos, um grande sítio Jê Meridional. *Pesquisas, Antropologia* 70: 65-131. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; NOVASCO, R. V.; MERGEN, N. M. & FERRASSO, S. 2013-b. Boa Parada, um lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e ‘danceiro’. *Pesquisas, Antropologia* 70: 133-195. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.

Anexo: OS SÍTIOS E SUAS IDADES

Oficialmente os sítios são identificados com a seguinte sigla: SC (Santa Catarina) – CL (Campos de Lages) – e o número da sequência com que o sítio arqueológico foi registrado. No mapa e na tabela que segue só indicamos este número. Na tabela caracterizamos o sítio e indicamos sua idade, quando ela estiver disponível.

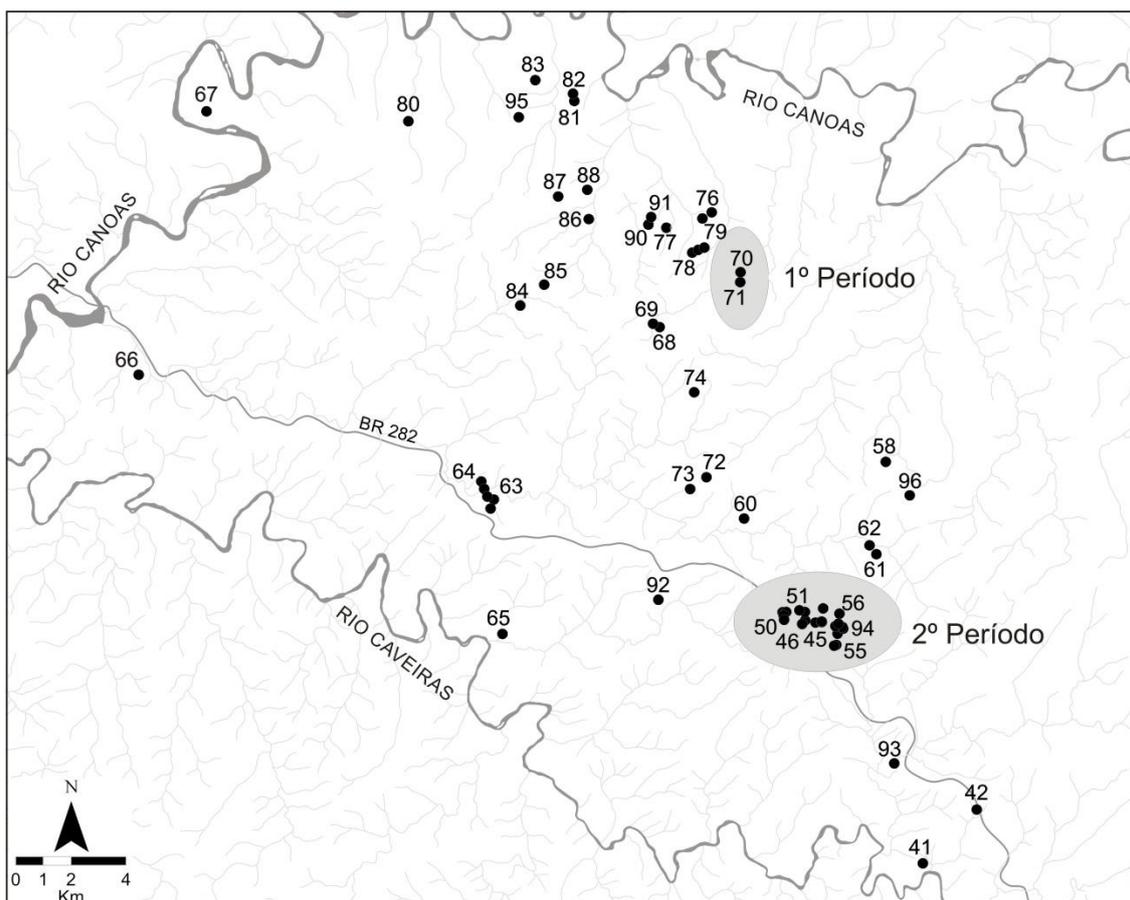


Figura 21: Sítios arqueológicos localizados no município de São José do Cerrito e indicação dos períodos históricos de ocupação.

As datas indicadas foram processadas pelo Laboratório Beta Analytic Inc., localizado em Miami, EUA e ajustadas para nossa era (a.C. ou d.C.). As datas que constam na tabela são o resultado estatístico de numerosas medições para cada amostra analisada e representam o resultado médio destas medições. O laboratório sempre indica uma margem de erro para cada uma destas medições, que é de aproximadamente 40 anos para mais ou para menos. Assim, a indicação de que uma data é de 1310 d.C. apenas quer dizer que o fenômeno datado se deu entre 1270 e 1350 d.C. Com 63% de probabilidade. Se quisermos ter uma probabilidade maior, por exemplo, 95%,

a margem de erro cresce proporcionalmente. Para uma compreensão geral do povoamento as datas indicadas, sem a margem de erro, são adequadas e suficientes.

O primeiro período de povoamento, com o grupo humano ainda muito móvel, deu-se no Rincão dos Albinos, sítios 70 e 71, onde a ocupação começou ao redor de 500 d.C. e se estendeu até depois de 1000 d.C.

O segundo período de povoamento, com numerosas casas e grandes monumentos, deu-se na Boa Parada, onde a ocupação começou ao redor de 1000 d.C. e se estendeu até depois de 1600 d.C.

Embora supondo que se trate da mesma população, por enquanto não se encontrou uma ligação direta entre uma ocupação e outra, apenas uma sucessão.

41 - 2 casas subterrâneas.

42 – 2 casas subterrâneas.

43 – 4 casas subterrâneas, duas delas formando uma casa geminada ou dupla. A casa geminada foi ocupada primeira vez em 1310 e novamente 1480 d.C. Uma outra casa foi datada em 1580 d.C. Por baixo das casas geminadas havia uma ocupação bem mais antiga, datada de 690 a.C., a mais antiga da região, que, por enquanto, é única.

43 a – 1 casa subterrânea. Ela está datada em 1360 d.C.

44 – 9 casas subterrâneas.

45 – 13 casas subterrâneas. A casa 1 foi datada de 1500 a 1600 d.C. A casa 7 também foi datada de 1500 a 1600 d.C..

46 – 3 aterros-plataforma, nos quais se cremavam os mortos. O primeiro tem, na base, uma primeira data de 1370 e, numa nova ocupação, uma de 1440 d.C. O segundo aterro-plataforma foi datado, na base, de 1340 d.C. O terceiro aterro-plataforma foi datado, na base, de 1040 d.C. e, na parte superior, de 1260 d.C.

47 – 1 casa subterrânea.

48 – 5 casas subterrâneas.

49 – 2 casas subterrâneas.

- 50 – 4 casas subterrâneas. Uma casa foi datada em 1040 d.C.
- 51 – 5 casas subterrâneas. Uma casa foi datada em 1630 d.C.
- 52 – Uma grande casa subterrânea, a maior de todas as conhecidas. Ela foi datada em 1080 d.C.
- 52 a – 1 aterro-plataforma, o maior de todos os conhecidos. Ele foi datado de 990 d.C.
- 53 – 2 casas subterrâneas.
- 54 – 2 casas subterrâneas.
- 55 – 6 casas subterrâneas.
- 56 – 2 casas subterrâneas e 1 montículo raso. Uma das casas foi datada 1120 d.C.
- 57 – 1 casa subterrânea.
- 58 – 18 casas subterrâneas.
- 59 – 2 casas subterrâneas e 2 montículos.
- 60 – 5 casas subterrâneas.
- 61 – 5 casas subterrâneas.
- 62 – 1 casa subterrânea.
- 63 – 4 casas subterrâneas.
- 64 – 1 casa subterrânea e 3 montículos.
- 65 – 1 casa subterrânea.
- 66 – 2 casas subterrâneas.
- 67 – 3 casas subterrâneas.
- 68 – 6 casas subterrâneas.
- 69 – 12 casas subterrâneas.
- 70 – 39 casas subterrâneas. Há 8 datas para as casas e os arredores; elas vão de 550 e 870 d.C. Elas representam a primeira ocupação efetiva da área.

71 – 68 casas subterrâneas e 10 montículos. Há 8 datas para as casas, que vão de 590 a 1120 d.C. Esta é a continuação do sítio 70 e faz parte da primeira ocupação efetiva da área.

72 - 2 casas subterrâneas.

73 – 3 casas subterrâneas.

74 – 4 casas subterrâneas e 1 pequeno ‘danceiro’.

75 – 1 casa subterrânea.

76 – 1 casa subterrânea e 2 montículos.

77 – 1 casa subterrânea.

78 – 1 casa subterrânea.

79 – 2 casas subterrâneas.

80 – 2 casas subterrâneas.

81 – 1 casa subterrânea e 1 montículo.

82 – 1 casa subterrânea.

83 – 1 casa subterrânea.

84 – 14 casas subterrâneas.

85 – 4 casas subterrâneas.

86 – mais de 20 casas subterrâneas.

87 – 9 casas subterrâneas

88 – 1 ‘danceiro’ de 80 m de diâmetro.

89 – 1 casa subterrânea.

90 – 4 casas subterrâneas e 3 montículos.

91 – 2 casas subterrâneas.

92 – 2 casas subterrâneas.

93 – 2 casas subterrâneas.

94 – 1 ‘danceiro’ composto por 3 montículos com anéis. O montículo central foi datado em 1180 d.C.

95 – ‘danceiro’ de 180 m de diâmetro.

96 – 1 casa subterrânea.

97 – 2 casas subterrâneas.